

BETHENCOURT DA SILVA E A CULTURA ARQUITETÔNICA DO RIO DE JANEIRO NO SÉCULO XIX¹

Doralice Duque Sobral Filha

Resumo

O presente artigo busca apresentar o principal protagonista da tese de doutorado defendida em 2015 sob o título: “Bethencourt da Silva e a Cultura Arquitetônica do Rio de Janeiro do Século XIX”. Apoiados nos pré-requisitos da sua trajetória de vida: formação acadêmica, atuação profissional, os discursos publicados e os projetos desenvolvidos; bem como os principais atores com quem interagiu, em especial os engenheiros civis formados no Brasil, a tese procurou demonstrar as mudanças culturais ocorridas na cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Em todo o conjunto da tese, buscou-se destacar a importância das pesquisas recentes que vem sendo realizadas sobre a arquitetura carioca, contribuindo para uma visão crítica da sua produção. Por conta dos poucos estudos sobre este tema, e sobre os principais projetistas do período, procuramos dar enfoque à formação de um campo intelectual, fundamentado pela representação de classes instituídas pela cultura acadêmica já instaurada no país, e, sobretudo, preencher uma lacuna existente sobre as influências teóricas e práticas no decorrer das atividades destes profissionais. Buscando não atribuir ao tema uma função monográfica, mas desde já apoiada na relação existente entre biografia e contexto, acreditamos que o estudo particularizado destes profissionais que estiveram empenhados na constituição de uma nova cultura arquitetônica na capital imperial, vem a colaborar com a identificação do pensamento e da crítica arquitetônica brasileira, acarretada por uma nova postura profissional e compositiva na virada do século XIX para o XX.

¹ Tese de doutorado defendida em fevereiro de 2015. Autora: Doralice Duque Sobral Filha. Proarq-FAU-UFRJ. doraliceduque@eba.ufrj.br

Quando a arte é conseqüente com ela mesma, leva de maneira bem mais segura cada coisa para seu fim.

VICTOR HUGO -1827.

² Prosopografia. [De *proso*(o)- + *-graf*(o)- +-ia.] S.f. 1. Descrição das feições do rosto. 2. Esboço de uma figura. Dicionário Aurélio- Editora Nova Fronteira.

A narrativa biográfica constitui um campo de pesquisa e indagações dos historiadores com fronteiras ainda não muito definidas, mais precisamente necessárias de discussões. Mapear a história por meio da quantificação e qualificação dos aspectos da vida individual se caracteriza ainda uma das grandes preocupações, face às peculiaridades do tempo, da fragmentação e das incertezas e ambigüidades históricas vividas pelos indivíduos.

Segundo Giovanni Levi (2006, p. 168):

(...) a maioria das questões metodológicas da historiografia contemporânea diz respeito à biografia, sobretudo as relações com as ciências sociais, os problemas das escalas de análise e das relações entre regras e práticas (...).

A riqueza histórica que proporciona as trajetórias individuais construídas socialmente se sobrepõe aos percalços encontrados pela fragilidade das fontes e pela tentativa de produzir biografias verídicas, desnecessárias a nosso ver, possibilitando abordagens diversas.

Modelos de narrativas prosopográficas², ou seja, uma biografia moldal que “ilustram os comportamentos ou as aparências ligadas às condições sociais e “são considerados historicamente reveladores quando tem alcance geral” (Ibid, id). Nesse caso a figura biografada ilustra várias características de um grupo de indivíduos quando associadas ao contexto que em que se inserem.

Nesta tomada de decisão, a escolha de Francisco Joaquim Bethencourt da Silva (1831-1911), ou simplesmente Bethencourt da Silva como é conhecido na historiografia e como trataremos ao longo do texto, não foi aleatória. Embora seja uma figura recorrente no estudo da arquitetura carioca da segunda metade do século XIX, uma pesquisa inicial revelou a necessidade de um aprofundamento substancial sobre sua trajetória profissional e sua produção arquitetônica bastante fragmentada.

Além de produzir uma quantidade de projetos de grande importância para a cidade do Rio de Janeiro, Bethencourt da Silva se destacou dos demais profissionais por ter sido um arquiteto brasileiro formado pela Academia de Belas Artes e ter sido professor de arquitetura da mesma instituição por trinta anos (1858-1888). Sendo assim, ele atuou diretamente na formação dos demais arquitetos da época. Ao longo de sua carreira assumiu diversos cargos públicos no Rio de Janeiro, o que denotou ser ele, um personagem de destaque no cenário da arquitetura do período e responsável por uma produção bastante diversa e representativa.

Bethencourt da Silva pôde atuar também, como educador, crítico de arte e poeta. Fundou a Sociedade Propagadora das Belas Artes e do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro em 1856, durante sua mocidade. Tais entidades, ainda existentes, viriam a ser responsáveis pela pioneira in-

serção do ensino dos ofícios para indústria e construção civil no Rio de Janeiro.

Ele abrangia, na sua atividade de arquiteto, professor e diretor do Liceu, temáticas referentes às artes em geral e o desenho artístico e técnico evidenciando uma relação entre arte, técnica e artesanato quer seja no campo da prática ou da teoria. Consideramos estas questões de grande importância para o reconhecimento da arquitetura que se produzia no Brasil dos oitocentos, pois envolvem quase todas as áreas que constituem seu campo disciplinar e revelam o caráter multifacetado do profissional do período.

No tocante à vida sócio-cultural do arquiteto, este manteve, desde o início de sua carreira profissional, contato com a elite literária do Império. Fermentou uma intensa campanha pela disseminação das artes e pela consolidação do campo profissional e artístico brasileiro, seja pelos seus discursos como fundador do Liceu ou por meio da imprensa carioca, onde publicou artigos em várias revistas recreativas, jornais e livros. Bethencourt da Silva defendeu sempre nos seus escritos as “Belas Artes” no país, afirmando que esta, só seria bem sucedida aqui por meio de um ensino artístico sólido e com o apoio da sociedade e do meio político.

É ingênuo afirmar que Bethencourt da Silva estava sozinho na empreitada. Para Bourdieu (7ªed. 2011, p.186), estudar um sujeito histórico é preciso situar o “corpus assim constituído no interior do campo ideológico de que faz parte bem como estabelecer relações entre a posição

deste corpus neste campo e a posição no campo intelectual do grupo de agentes que o produziu”.

Temos então como estratégia metodológica proposta para a análise na tese de doutorado, a atuação dos profissionais formados no Brasil dos oitocentos e a vida profissional de Bethencourt da Silva, perfazendo o liame entre teoria e prática. Para abordar estes dois temas dentro da trajetória profissional do arquiteto procuramos trabalhar com dois conceitos aplicados por Bourdieu (*Ibid*) à pesquisa científica, o de “campo” e o de “*habitus*”.

O conceito de “campo” – *CHAMP* – para este autor refere-se a um domínio autônomo que, em dado momento, atinge a independência em uma cultura e produz as próprias convenções culturais (BURKE, 2ª ed., 2008, p. 76). O campo se constitui, por sua vez, num espaço social estruturado pelo conjunto de ações, representações e interações nos quais os sujeitos participam. Sendo assim, a história da vida intelectual está diretamente ligada ao campo intelectual, revelados através do sistema de produção de bens simbólicos e da própria produção destes bens (BOURDIEU, 7ª ed, 2011, p. 99).

Compreendendo a arquitetura do período como bem simbólico e artefato cultural, ela está diretamente ligada a um processo de erudição³ fundamentado pela teoria e transmitido na tradição escolar. Assim o campo do ensino e o da atuação do profissional do século XIX, seja da classe do arquiteto bem como do engenheiro, deu ao estudo em questão uma relevância substancial.

³ Obras eruditas “são acessíveis apenas aos detentores do manejo prático e teórico de um código refinado e, conseqüentemente, dos códigos sucessivos e do código deste código”. Bourdieu.

⁴ O conceito de “*habitus*” (*Mental Habit*) foi tomado do historiador de arte Erwin Panofsky do seu livro “Arquitetura gótica e a escolástica” como meio de entendimento de uma unidade para arquitetura gótica e da uniformidade das diversidades individuais expressas nessas obras.

⁵ “A escola é o repertório de lugares-comuns”. *Ibid.* p.207

O termo “*habitus*”⁴ é definido por Bourdieu (*Ibid.* p. 186) como “sistema de disposições inconscientes que constitui um produto de interiorização das estruturas objetivas”. O sujeito internaliza as estruturas do mundo externo, tanto as definidas culturalmente como as objetivamente reais. Essas estruturas internalizadas formam um *habitus*, que por sua vez se corporifica neste “sistema de disposições” que inclinam os atores a agir, pensar, e sentir de maneira consistente com os limites da estrutura que convivem. Segundo Giovanni Levi, “a relação entre *habitus* de grupo e *habitus* individual estabelecida por Pierre Bourdieu remete à seleção entre o que é comum e mensurável. Segundo Levi (*Op. Cit*)

(...) “o estilo próprio de uma época ou de uma classe, e o que diz respeito à “singularidade das trajetórias sociais”: “na verdade é uma relação de homologia, isto é, da diversidade na homogeneidade, que reflete a diversidade na homogeneidade características de suas condições sociais de produção e que une os *hábitus* singulares dos diferentes membros de uma mesma classe.

O termo assume para Bourdieu uma relação direta entre a teoria e prática utilizadas pelos atores culturais num determinado momento histórico, partindo desde a herança cultural determinada pelo processo de educação, seja familiar ou escolar, até chegar à contribuição pessoal de cada ator neste processo. O *habitus*, por conseguinte, também se re-

vela um indicador da diversidade dentro de um campo específico, verificados na prática, seja pelas ações ou nos objetos criados pelos sujeitos que participam de um mesmo campo disciplinar comum.

Compreendendo os objetos arquitetônicos por meio das pessoas que os produziram, ou seja, com estrutura estruturada, este conceito vem facilitar as descobertas do comum e do diverso na produção oitocentista carioca. Em relação ao campo intelectual da arquitetura produzida na cidade do Rio de Janeiro dos dezenove, a ideia de *habitus* está intimamente relacionada com as tradições do ensino desta disciplina nas principais instituições da época⁵.

No Brasil a fundação da Academia de Belas Artes e da Academia Militar (posteriormente Escola Politécnica) foram catalisadoras do processo de formação de um campo intelectual da arquitetura ao longo dos dezenove. Embora atualmente as especificidades de cada área estejam bem definidas, ambas as instituições, durante todo o século XIX e início do século XX, tiveram o papel importante na formação de uma classe profissional intelectualizada e autônoma criadora de uma arquitetura significativa para a história da cidade.

Entendemos como cultura “um padrão historicamente transmitido, de significados incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio dos quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes acerca da vida” (GEERTZ,

Apud. BURKE, 2008, 2ª Ed., p. 52). Assim a cultura arquitetônica se desenvolve numa relação dialética entre teoria e prática, e se situa como sistema simbólico de formas herdadas e traduzidas dentro de um campo intelectual.

Compreendermos o campo intelectual em que a arquitetura da segunda metade dos dezenove se desenvolveu e trazer o contexto do ensino da arquitetura além da atuação de Bethencourt da Silva dentro dele, foi fundamental. O fato de este ter sido aluno e professor de arquitetura da Academia Imperial de Belas Artes, e de ter atuado também como professor da Escola Central⁶ e do Liceu de Artes e Ofícios demonstra sua relevância no campo da instrução e constituição de um corpo de produtores e operários para a arquitetura carioca oitocentista.

Diante da importância deste personagem na transmissão de uma cultura arquitetônica, indagamos, no entanto, se Bethencourt da Silva foi um defensor da tradição herdada de seu mestre, Grandjean de Montigny⁷ ou se foi um dos precursores da mudança compositiva nas construções que vai despontar no final do século XIX e início do século XX.

Compreendendo que o sistema de ensino cumpre a necessidade de uma legitimação cultural (BOURDIEU, 2011, p. 120) ao analisar os conteúdos abordados nas aulas e a literatura utilizada, estaremos subsidiando caminhos que demonstram uma retórica para a arquitetura carioca. Buscamos, sobretudo, entender o papel da tradição escolar (acadêmica e técnica) na constituição da

arquitetura do período e os caminhos e descaminhos desta tradição (*o habitus*)⁸. Procuramos esclarecer também, quais os profissionais que se formavam no Brasil, bem como, a consolidação da classe profissional e as diferentes competências dos atores envolvidos.

Em relação a trajetória profissional de Bethencourt da Silva, como aluno recém formado, no mercado de trabalho da época. É importante validar a ascendência social diante da titulação acadêmica para a consolidação de classe dos arquitetos e engenheiros. Sobretudo quando se colocam no mercado de trabalho, assumindo cargos públicos, posturas de representação intelectual entre seus pares, onde se dedicaram a fazer e divulgar a arquitetura do período.

Indo da teoria à prática, as obras produzidas por Bethencourt da Silva no contexto de sua trajetória profissional como representante da classe de arquiteto, nos remetem ao tema da circulação de formas no contexto carioca, podendo ser traduzido pela análise da obra em si, pelo contexto ou pelo artista. No entanto, ela invariavelmente se relaciona às demais obras produzidas no Rio de Janeiro quando fazemos um paralelo entre a teoria do ensino, as narrativas do campo intelectual e a prática dos principais atores com os quais o arquiteto interagiu e que estiveram em destaque no cenário da cidade.

Segundo Bourdieu (*Ibid.*) as obras trazem as marcas dos sistemas de posição em relação às quais se define sua originalidade, e contém indicações acerca do

⁶ A Escola Central foi fundada no Rio de Janeiro em 1858, dada a separação dos ofícios do engenheiro militar para o engenheiro civil e demais ramificações da engenharia. Em 1874 passou a ser chamada de Escola Politécnica.

⁷ Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny (Paris, 1776 — Rio de Janeiro, 1850) foi um arquiteto francês membro da chamada Missão Artística Francesa que chegou ao Rio de Janeiro em 1816 e um dos fundadores da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA) em 1826. Montigny foi professor de Bethencourt da Silva na AIBA.

⁸ “A diversidade da “estrutura particular” de cada sujeito, as práticas individuais (percepção, apreciação, ação) e as variáveis que sustentam o *habitus* coletivo alimentam a construção do campo” (*Ibid.*)

⁹ Segundo Rubino (2002, p. 10), “arquitetos legitimados pela classe querem ter seus trabalhos tratados como arte e incluídos no discurso arquitetônico”. Esse discurso arquitetônico será tratado na tese como parte do pensamento arquitetônico oitocentista carioca, cuja divulgação foi corrente durante a segunda metade do século XIX, por meio das revistas especializadas e recreativas e dos jornais da época.

modo com que o autor pensou a novidade de seu empreendimento, ou seja, daquilo que o distinguiu de seus contemporâneos e de seus antecessores. O objeto arquitetônico se configura como fonte de toda uma cultura fundamentada na história de sua constituição⁹.

A necessidade de se compreender a ‘trajetória’ do personagem, bem como do objeto arquitetônico por ele produzido, reconstituída no campo artístico, literário e político, situando-o dentro

do contexto histórico do Rio de Janeiro, demonstrou ser de extrema necessidade para perceber as mudanças da cultura arquitetônica carioca do século XIX. Afirmado um campo intelectual em que ele atuou, em conjunto com vários atores, e sobretudo evitando uma produção monográfica laudatória, esquivando-nos da supervalorização do personagem principal para não incorrer na ilusão biográfica (BOURDIEU, 2006, p. 183-191).

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos da tese vão para toda equipe de professores, alunos e técnicos administrativos do Programa de Pós-graduação em Arquitetura – PROARQ-FAU-UFRJ. Todos foram fundamentais para o processo de escrita. Um agradecimento mais do que especial à orientação dada pela professora Beatriz Santos de Oliveira ao longo da tese. Meu imenso agradecimento à Gustavo da Rocha-Peixoto e Cláudia Nóbrega pelo apoio e contribuições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- _____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- _____. **A ilusão biográfica**. In FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Uso e Abusos da História Oral* (org.) 8.ed. Rio de Janeiro: editora FGV, 2006. P. 183-192.
- _____. **A Economia das trocas Simbólicas**. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BURK, Peter. **O que é História Cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem: a elite política imperial; Teatro de Sombras: a política imperial**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Reliume-Dumará, 1996.
- FERREIRA, Felix. **Bethencourt da Silva: Perfil Artístico**. Rio de Janeiro: Typ. Academica, 1875.
- _____. **Bellas Artes: estudos e apreciações**. Rio de Janeiro: Typ. Academica, 1885.
- LEVI, Giovanni. **Usos da Biografia**. In FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. (org.) 8.ed. Rio de Janeiro: editora FGV, 2006. P. 167-182.
- OLIVEIRA, Beatriz Santos de [Orgs.]. **Leituras em Teoria da Arquitetura – vol. 1 – Coleção PROARQ**. Rio de Janeiro, Viana & Mosley, 2009.
- ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. **Reflexo das Luzes na Terra do Sol – sobre a teoria da arquitetura no Brasil da Independência: 1808-1831**. São Paulo, ProEditores, 2000.
- _____. **Arquitetos do Brasil Imperial: A obra arquitetônica dos primeiros alunos da Academia Imperial de Belas Artes**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 2004.
- TEIXEIRA, Mucio. **Dispersas e Bosquejos artísticos. Biografia de Bethencourt da Silva**. Rio de Janeiro: Typ. Papelaria Ribeiro, 1901.
- TELLES, Pedro da Silva. **História da Engenharia no Brasil (séculos XVI a XIX)**. 2. Ed. Rio de Janeiro, Clavero, 1994.